



XIV ANPED-CO

XIV ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO CENTRO OESTE

3204 - Trabalho Completo - XIV ANPED-CO (2018)
GT 08 - Formação de Professores

PROFESSORA DE BEBÊS: ENTRE O PROFISSIONAL E O DOMÉSTICO

Carla Adriana Rossi Ramos - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso

Iury Lara Alves - UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso

Agência e/ou Instituição Financiadora: não contou com financiamento

Este artigo apresenta discussões acerca da formação dos profissionais da Educação Infantil e objetivou conhecer as representações sociais dos acadêmicos do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso, *campus* Cuiabá sobre ser *professora de bebês*. Os referenciais teóricos, estão embasados na Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI 2003), (JODELET2001) em articulação com os referenciais da Educação Infantil Bourdieu (1999), (CERISARA 2002), (HADDAD 2002/ 2009) entre outros. O estudo analisou evocações produzidas por 213, coletadas por meio da técnica de associação de palavras, a partir dos motes indutores *mãe e babá* e a expressão indutora *professora de bebê*. As informações colhidas foram processadas por dois *softwares*: 1- *Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse* (EVOC) e 2- *Analyse Lexical e par Contexte d'um Esemble de Segments de Texte* (ALCESTE). Os resultados evidenciaram uma representação difusa que de modo geral, para as futuras educadoras a *professora de bebês* apresenta-se em meio a três imagens: 1 – *mãe substituta*, 2 – *professora* e 3 – *babá*, evidenciando maior adesão à primeira do que à segunda.

PALAVRAS-CHAVE: Representações Sociais; Professora de Bebês; Educação Infantil

PROFESSORA DE BEBÊS: ENTRE O PROFISSIONAL E O DOMÉSTICO

503.062.781-20

939.364.277-04

028.726.161-10

INTRODUÇÃO

As creches e pré-escolas ao longo da história atuaram de maneira dicotômica, embora suas funções compreendam o binômio cuidar-educar. Para Cerisara (1999, p.3) tal dicotomia está assentada nas imagens do modelo hospitalar/familiar de um lado e, do outro, nas imagens do modelo escolar do ensino fundamental. Nesta dicotomização, as atividades ligadas ao corpo, à higiene, à alimentação e ao sono das crianças têm sido desvalorizadas e diferenciadas das atividades consideradas pedagógicas, estas sim, entendidas como sérias e merecedoras de atenção e valor.

Esses dois universos em contexto de atividades desenvolvidas com os bebês requerem, tanto da instituição quanto da família, práticas vinculadas aos cuidados e educação. Em consequência, as atividades da creche oscilam entre o domínio público e o doméstico e geram conflitos de identidade,

tanto da instituição no que diz respeito a qual domínio pertence, pois a partir dele que sua função social e educativa é definida, quanto do profissional que ali atua, visto que sua identidade deve corresponder às funções assumidas pela instituição, conforme salienta Cerisara (2002).

Este artigo tem como objetivo apresentar as representações sociais de 213 acadêmicos matriculados em 2010 no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso, *campus* Cuiabá sobre *ser professora de bebês*. As ferramentas metodológicas utilizadas para apreender as representações sociais sobre o profissional que atua em berçários se deram por meio das evocações produzidas por 213 acadêmicos coletadas por meio da técnica de associação de palavras, a partir do mote indutor *professora de bebê*. O material coletado foi processado por dois softwares: 1- *Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse* (EVOC), possibilita a análise dos elementos estruturais da representação social 2- o *Analyse Lexicale par Contexte d'un Esemble de Segments de Texte* (ALCESTE), que permite a análise implicativa clássica e possibilita a compreensão das conexões entre os vocábulos evocados. Neste artigo serão apresentados os dados do ALCESTE, uma metodologia de análise de dados qualitativos adequada para investigações que tem interesse na análise de material textual.

Ser professora de bebê: alinhavos sobre o estranhamento, os pontos de ancoragem e os pressupostos identitários na perspectiva das representações sociais

Norteados pela Teoria das Representações Sociais (TRS) e em articulação com os referenciais que discutem questões referentes à Educação Infantil este artigo propõe uma reflexão sobre a formação inicial dos futuros professores.

A retrospectiva histórica da Educação Infantil revela que o trabalho docente no berçário durante muito tempo foi associado ao papel de mãe substituta, isso devido a “tentativa de atuar num papel substitutivo da família, aos moldes de uma relação diádica mãe-filho” (HADDAD 2000, p. 230).

Na atualidade, com as reflexões sobre o papel da Educação Infantil e o trabalho desenvolvido pela professora de bebês é possível compreender que os papéis da mãe e da educadora são definidos e diferenciados, no entanto há um estranhamento por parte das futuras professoras quando se fala em *professora de bebês*, uma vez que a especificidade do trabalho pedagógico com os bebês parece fortalecer a imagem maternal e reforçar a fragilidade das discussões acerca da Educação Infantil.

O trabalho do educador infantil se diferencia do trabalho do professor dos anos iniciais isso devido à especificidade das funções juntos às crianças de até cinco anos em espaços de educação. O fato das ações cotidianas das crianças de até cinco anos estarem muito próximas das práticas de maternagem contribui para dificuldade dos profissionais em distinguir o que é profissional e o que não é (CERISARA 2002).

Questões relativas ao universo doméstico por outro lado influenciaram o perfil dessa profissional, também delineado pela emoção. A relação materno/afetiva é um traço do modelo pedagógico adotado, conforme pontua Louro (1997).

Na Educação Infantil educar e cuidar são indissociáveis, e na perspectiva que integra o cuidado, as Diretrizes Curriculares para Educação Básica (2013) orientam que educar cuidando deve proporcionar às crianças situações de acolhimento, segurança além de instigar a curiosidade, a ludicidade e a expressividade infantil.

O estudo das representações sociais, sobretudo dos aspectos associados a análise dos pontos de ancoragem, mostram-se úteis para o escopo deste trabalho uma vez que possibilita analisar aspectos da construção social do objeto de representação, neste caso, professora de bebê. Campos (2005) afirma que a Teoria da Representação Social é uma teoria que nos possibilita apreender a dimensão normativa e o processo de transformação do conhecimento compartilhado por um determinado grupo, a respeito da realidade social. No caso dos profissionais que atuam em contextos de berçário, a representação que se tem está associada à maternagem, devido às ações cotidianas ligadas às atividades ligadas ao corpo.

Jodelet (2001) corrobora informando que as representações sociais são importantes no dia-a-dia, pois contribuem para interpretação dos aspectos da vida cotidiana, para a tomada de decisões e orientação de práticas, bem como para o posicionamento defensivo. Ainda é possível estabelecer uma relação entre as representações e sua função identitária.

Sobre a representação social Moscovici (2003) afirma que o papel da mesma é transformar o não familiar em familiar. Isso não é uma tarefa simples, complementa o autor, pois não é fácil transformar palavras não familiares, ideias ou seres em palavras comuns. Para tornar o não familiar em algo familiar faz-se necessário por em funcionamento dois mecanismos, definidos pelo autor como *ancoragem e objetivação*.

Segundo o autor, a objetivação consiste em materializar as abstrações, dar corpo aos pensamentos, tornar algo invisível em algo visível e palpável, transformar em objeto o que é representado. Já a ancoragem é um processo que modifica algo estranho e intrigante no sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que se pensa ser apropriado.

Para Abric (1998) as representações sociais têm papel importante nas relações e práticas sociais e atribui a elas quatro funções: 1 – Funções de saber: permitem compreender e explicar a realidade; 2 – Funções identitárias: definem a identidade e permitem a salvaguarda da especificidade dos grupos; 3 – Funções de orientação: guiam comportamentos e práticas; 4 – Funções justificatórias: permitem explicar a posteriori a tomada de atitudes e comportamentos.

O estudo das representações sociais tem sido defendido por vários autores, pois, conforme observa Gilly (2001), as representações sociais remetem a sistemas complexos de significações elaborados por grupos sociais, indispensáveis à compreensão das situações pedagógicas. No contexto da educação, são úteis as funções identitárias, orientadoras e justificadoras para compreender as práticas pedagógicas.

As questões que envolvem a Educação Infantil revelam que as imagens sociais da infância construídas ao longo da história, que vão desde a imagem da criança como um ser incompleto e imperfeito, portanto sem espaço de participação, à imagem de um sujeito que participa ativamente da construção de sua história justificam e orientam práticas do adulto em relação à criança. Chombart de Lauwe (1991) afirma que o modo de se perceber e de pensar a criança influi sobre suas condições de vida, seu estatuto, bem como a maneira como os adultos se comportam em relação a elas. As imagens e ideias associadas à criança, por mais diversificadas que sejam, organizam-se em representações coletivas, que constituem um sistema em níveis múltiplos, criando discursos *sobre* a criança e *para* a criança, uma vez que os adultos idealizam modelos e imagens para a mesma.

As representações sobre a docência, principalmente no que concerne a atuação com crianças de até três anos, apresentam elementos ancorados na memória social e revelam o trabalho docente com características de maternagem, sendo a mãe e babá a objetivação da educadora infantil.

METODOLOGIA

Este artigo apresenta a análise dos significados atribuídos à *professora de bebês* segundo acadêmicos do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso, *campus* Cuiabá. A análise dos dados levou em consideração as evocações de 213 acadêmicos, coletadas por meio da técnica de Associação de Palavras, a partir dos motes indutores mãe, babá e a expressão indutora professora de bebês. As informações colhidas foram processadas pelo programa computacional *Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse* (EVOC), o programa *Analyse Lexicale par Contexte d'un Esemble de Segments de Texte* (ALCESTE) Também utilizou-se a análise *tri-croisé* (ferramenta do ALCESTE) que possibilita comparar variáveis.

Neste artigo serão apresentados os resultados obtidos pelo programa *Analyse Lexicale par Contexte d'un Esemble de Segments de Texte* ALCESTE[1].

DISCUSSÃO DOS DADOS

Com base no banco de dados formado pelas frases coletadas, abaixo serão apresentados os dados referentes ao programa Alceste que considerou 82% dos segmentos de texto processados, correspondendo a um total de 483 Unidades de Contexto Elementares (UCEs) O programa forneceu seis classes o que permitiu fazer uma análise interpretativa do discurso dos sujeitos que se dividiram em dois grandes eixos assim denominados: *Entre o profissional e o doméstico*, que engloba as Classes 1, 6, 2 e 4 e *Maternidade* que abrange as Classes 3 e 5. Especificamente para este estudo apresentaremos apenas as discussões da Classe 1.

Classe 1 Professora ou babá: entre a formação e o dom

A análise das unidades de contextos elementares indicou que esta Classe destaca dois discursos referentes ao profissional que trabalha com bebês.

O primeiro discurso busca a formação como essencial para se trabalhar com crianças pequenas, no entanto percebe-se que a referência a esse profissional dá ênfase a conteúdos de aprendizagem e espaço pautados no modelo de escola e do professor do ensino fundamental como sugere o termo *ensinar*, interpretado como dar aula.

A professora de bebê precisa estudar com afinco para dominar e proceder na Educação Infantil (Sujeito 91, 1º ano).

Em sala de aula além de conhecimento o professor deve ter um pouco de experiência. (Sujeito 152, 3º ano)

O professor de bebe deve ter conhecimentos claros e específicos para ensinar (Sujeito 116, 2º ano).

O segundo discurso sugere que para se trabalhar com bebês *dom e vocação* são os requisitos suficientes, é semelhante ao discurso historicamente construído, durante muito tempo tinha-se a ideia que para o trabalho com crianças em creches, bastava ser mãe e gostar de criança.

É preciso dom para ser professora de bebê (Sujeito 187, 4º ano).

A professora de bebê é a segunda mãe. (Sujeito 104, 4º ano)

Outra questão que parece estar implícita no discurso refere-se a: como deve ser nomeado o espaço do berçário? Sala de aula? Lugar de guarda ou sala de atividades? Os discursos revelam a pouca familiaridade com as discussões da Educação Infantil, principalmente no que diz respeito ao ambiente de aprendizagem destinado aos bebês, uma vez que se observa a objetivação do espaço do berçário na imagem da sala de aula. Levanta-se como hipótese a seguinte questão: estaria o termo professora de bebês, mais especificamente a palavra professora, funcionando como um regulador de discursos associados à escolarização

Classe 6 Aluno-Criança/professora-babá

Esta classe foi denominada *Aluno-Criança/professora-babá* por apresentar características que admitem no contexto da Educação Infantil um discurso difuso, tanto no que se refere aos sujeitos institucionalizados, como a especificidade do trabalho a ser realizado com crianças de até três anos bem como na responsabilização pela execução do trabalho

A babá dá apoio na educação, no ensino e cuidados com as crianças. (Sujeito 132, 3º ano)

E muito importante a babá gostar do que faz tanto para seu sucesso e prazer como da criança. (Sujeito 157, 3º ano)

De modo geral, percebe-se pelo discurso dos acadêmicos certa dificuldade em traçar o perfil deste profissional. Possivelmente, essa dificuldade em traçar o perfil das profissionais de creche ocorra devido às indefinições que ainda persistem acerca do papel desempenhado por essas profissionais.

O discurso também parece evidenciar uma indefinição de quem são os sujeitos – o adulto responsável e a criança usuária – e qual o contexto. Alunos ou crianças, creche ou escola? O fato de a creche ao longo de sua história constituir-se a partir de um modelo de guarda possivelmente contribui para essa indefinição, uma vez que pensar a presença de professores neste espaço, cujo sentido ainda não foi ressignificado como espaço de educação, configura-se como um paradoxo.

Classe 2 Requisitos para ser uma boa babá

Esta classe foi nomeada *Requisitos para ser uma boa babá*, por apresentar os indícios e as peculiaridades necessárias para ser uma boa babá, tais como *responsabilidade e paciência*.

A análise dos termos, junto às unidades de contextos elementares desta classe, indica que o perfil da *babá* é definido por suas características afetivas, representado nesta classe pelo termo *cuidadosa*.

Parece indicar que o trabalho a ser desenvolvido com bebês não necessite de uma formação consistente.

Uma babá tem que ter paciência, carinho e responsabilidade. (Sujeito 107, 2º ano)

Uma babá não é pedagoga, a babá apenas cuida. (Sujeito 150, 3º ano)

A babá é uma profissional mal remunerada frente a grande responsabilidade que é cuidar de uma criança. (Sujeito 47, 1º ano)

Diante deste panorama, podem-se destacar três aspectos: 1- babá não é pedagoga; 2- babá é segunda mãe; 3- babá é mal remunerada. Nesta classe os acadêmicos parecem distanciar-se de uma possibilidade de inserção profissional que pode ser compreendida pela forte associação que os mesmos fazem entre o trabalho com bebês e a imagem de babá. Deste modo, anuncia-se o seguinte raciocínio: trabalhar com bebês é atividade de *segunda mãe*, portanto não configura uma ação profissional de pedagogo.

Classe 4 Medo x Confiança

A Classe 4 denominada *Medo x Confiança* por indicar sentimentos ambivalentes em relação à babá, apresenta dois discursos. O primeiro ancorado na imagem de medo e insegurança, a atribuídos à babá, e o segundo suscitando características afetivas deste ator social. O conteúdo dos discursos revela a preocupação das acadêmicas com relação ao outro que seria responsável pelos cuidados na esfera educacional, revela a inquietação da mulher inserida em uma sociedade na qual se assume muitos papéis sociais que extrapolam a maternidade, tais como: a de trabalhadora e de estudante.

O medo de deixar o bebê com a baba é normal entre as mães, pois é difícil encontrar uma de confiança. (Sujeito 29, 1º ano)

O medo de deixar minha filha com a babá me incomoda. (Sujeito 175, 4º ano)

O primeiro eixo composto pelas classes 1, 6, 2 e 4 apresenta discursos que revelam a negociação de significados que ora aceitam a condição de professora de bebês, inserindo-a na dicotomia formação/aptidão, ora desloca a condição de ser professora de bebês para ideia de substituta materna. No primeiro caso, anunciam-se ancoragens decorrentes de conteúdo escolarizante, em contraposição a conteúdos relacionados à ideia de guarda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo objetivou apresentar as Representações Sociais de 213 acadêmicos matriculados no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso, campus Cuiabá sobre ser *professora de bebês*. Partiu-se da hipótese de que a Representação Social sobre *professora de bebês* encontra-se ancorada nas práticas de maternagem, sendo as imagens de mãe e babá importantes referenciais a serem considerados, uma vez que ambas remetem aos cuidados do bebê no âmbito familiar.

No que se refere aos dados apresentados neste artigo de maneira geral, revelam uma representação ancorada no modelo materno-afetivo, a objetivação da imagem da *professora de bebês* se dá por meio das práticas da professora de ensino fundamental.

Há certa hesitação por parte as futuras professoras de se ver como professoras de bebês e até mesmo aceitarem a possibilidade de alguém atuar em contextos de berçário exercendo essa função. As narrativas das futuras professoras revelaram uma dificuldade em definir quem é professora de bebês, as imagens da profissional que atua em berçários transitam *entre o profissional e o doméstico*.

A Educação Infantil como primeira etapa da educação básica é uma conquista recente, sua vinculação ao sistema de ensino trouxe à tona discussões sobre o papel do educador (formação). Deste modo, discute-se que a fragilidade de um referencial sobre o trabalho do educador infantil, bem como sobre a Educação Infantil e questões associadas à criança, possivelmente contribua para a emergência de uma representação difusa, ancorada ora na imagem babá, ora na imagem da professora do ensino fundamental.

As reflexões deste artigo são importantes para o campo da Educação, uma vez que o discurso de todas as turmas revela a pouca familiaridade dos acadêmicos a assuntos específicos da Educação Infantil, tais como ludicidade, desenvolvimento motor, movimento etc. Possivelmente devido a carência de discussões propostas pelo Plano Político Pedagógico (PPP 2006) da Universidade Federal de Mato Grosso *campus* Cuiabá acerca da pequena infância, da Educação Infantil e mesmo pela ausência de

experiências de estágio em berçários. Fomentar a discussão sobre formação inicial destinada aos futuros professores é imprescindível, pois há inexistência de uma representação sobre *professora de bebês* baseado nos discursos dos acadêmicos do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso *campus* Cuiabá, relativos ao trabalho pedagógico com crianças menores de três anos.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABRIC, Jean-Claude. **Abordagem estrutural das representações sociais: Desenvolvimentos Recentes.** In CAMPOS S, P. H. F, LOUREIRO, M. C. S. **representações Sociais e Práticas Educativas.** Goiânia: UCG, 1998.

CAMPOS, P.H. F. As representações sociais como forma de resistência ao conhecimento científico. In: OLIVEIRA, D. C.; CAMPOS, P.H. F. Representações sociais uma teoria sem fronteiras. Rio de Janeiro: Museu da república.

CERISARA, A. B. **Professoras de Educação Infantil: entre o feminino e o profissional.** São Paulo: Cortez 2002.

DE LAUWE, M. J. C. **Um outro mundo: a infância.** Tradução de Noemi Kon. São Paulo: Perspectiva, Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

GILLY, M. As representações sociais no campo da educação. In: JODELET, D. (Org.). **As Representações Sociais.** Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p.321-341.

HADDAD, Lenira; CORDEIRO, M.H.; **Representações sociais de ingressantes de Pedagogia sobre creche e pré-escola: um artigo em quatro Estados brasileiros.** Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 11, n. 32, p. 15-35, jan./abr. 2011

HADDAD, Lenira. **A creche em busca da identidade.** Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2000, 3ª Ed.

_____ Professora de Educação Infantil? Em busca do núcleo central da representação social a partir da análise das evocações livres. In: **Nuances:** artigos sobre Educação. Presidente Prudente: FCT/UNESP, 2007, ano XV, v. 16, n.17, jan-dez, 2009.

JODELET, D. **As representações sociais um domínio em expansão.** In: Jodelet, D. (Org.). **As representações sociais.** Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p.17-43.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigação em psicologia social.** 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

[1] Uma metodologia de análise de dados qualitativos adequada para investigações que tem interesse na análise de material textual. A técnica de análise lexical permite analisar dados oriundos da comunicação oral (entrevistas, questões abertas de questionários, diálogos, etc.) (SOARES 2005).